

REINVENTAR QUE PARADA É ESTA?

Nossa luta está presente e ativa desde 2007, quando, em um congresso como este, da UNE, em Brasília, fundamos o **Movimento Reinventar**. Somos uma turma plural, de todos os cantos do Brasil e seus sotaques.

Somos estudantes que acreditam numa **educação** diferente, emancipadora, democrática e popular como elemento fundamental para o projeto de sociedade que queremos para o Brasil.

Estamos nas salas de aula e corredores da universidade, defendendo um **projeto nacional de desenvolvimento** capaz de devolver aos brasileiros – e ao Brasil – a capacidade de olhar pro futuro que não demora, com fé e esperança.

Entendemos que movimento estudantil se faz a partir da realidade dos estudantes: na defesa da educação, nas melhorias no cotidiano; sempre conectado com as grandes **causas nacionais** – como a garantia de direitos e a defesa da soberania nacional.

Conectamos **Darcy Ribeiro** e a universidade necessária; **Brizola** e a defesa do Brasil; e **Ciro Gomes** com um projeto nacional de desenvolvimento.

Queremos, com a sua ajuda, companheiro, construir um movimento que amplie nossa voz, que potencialize nossa luta e que possa **REINVENTAR O BRASIL!**

VEM REINVENTAR!

O FUTURO NÃO DEMORA!

Oxe! Somos a geração que tem que mudar o Brasil, reinventar a forma de fazer política e assumir o poder: tomar as rédeas da nação. O movimento estudantil é a caixa de ressonância das demandas latentes do nosso Brasil profundo, como falava Brizola.

Por isto, a conjuntura nos força a compreender a responsabilidade que carregamos. Os **estudantes nunca faltaram ao Brasil**. Muitas jornadas épicas do povo brasileiro foram precedidas por ações concretas dos estudantes. A Passeata dos 100 mil, em 1968, foi o grito de alerta, que denunciou as atrocidades do que ocorria nos porões da ditadura e trouxe o brasileiro para as ruas.

Hoje, nossa tarefa principal é: responder com mesma velocidade em que os nossos direitos são retirados; em que jovens são exterminados; em que mulheres são vitimadas. Para tanto, temos que ocupar as ruas e estabelecer um diálogo real com o povo trabalhador – com quem trabalha e produz renda neste ainda nosso país.

No imediatismo da urgência política, é necessário formarmos a consciência desta geração sobre a responsabilidade de entender que **o futuro não demora**. O futuro está aí: já bate na nossa porta e sopra no nosso cangote.

É importante, para cada um, fortalecer esta capacidade resiliente de entender que o difícilíssimo momento que passa o Brasil não é eterno; que a sua ação pode construir um futuro logo ali; de que haverá, afinal, outro dia. O resultado deste pensar grande é o combustível essencial para energizar os estudantes para luta, para nos dar fôlego.

Em 2019, *O Futuro Não Demora* – título do álbum do grupo musical BaianaSystem – equivale ao *Amanhã Vai Ser Outro Dia*, de

Chico Buarque, em 1970.

PRA ENTENDER O BRASIL...

“Que país é esse?” – uma pergunta de Renato Russo, cantada pela Legião Urbana, nunca fez tanto sentido.

Depois de uma década de avanços consistentes (entre idas e vindas; acertos e equívocos), o país sofreu um golpe, em 2016.

Mas para se entender o Brasil e o mundo, hoje, precisamos olhar para trás. Compreender que o ‘centro’ do mundo – a sede do capital financeiro global; dos grandes poderosos; daqueles que são grandes demais para quebrar – sempre teve um projeto para a América Latina e África: os chamados povos subdesenvolvidos.

E toda ação destes países no sentido de superar esta condição – para reafirmar soberania e independência – será atacada; em especial quando o capitalismo passa por uma crise estrutural, que é o cenário desde 2008.

E essa turma de fora, que quer mandar no Brasil e nos brasileiros, encontra, aqui dentro, aliados disponíveis: uma elite nacional mesquinha, sem olhar social, que não se contenta em ganhar; pois não aceita que o mais pobre melhore de vida – que tenha casa própria, acesse a universidade ou ande de avião.

A elite ‘nacional’, que é anti-Brasil, leva ao pé da letra a máxima de que a grama do vizinho é sempre mais verde. Para ela, nada daqui serve: somente o que vem de fora. Na realidade, são aculturados. Este é um terreno fértil, sob o qual surgem as conspirações, os golpes, a dependência e o entreguismo.

É contra isto que precisamos lutar. E lutamos.

Desde o golpe de 2016, o Brasil virou uma feira livre, em que se vende tudo por qualquer preço; em que se retiram direitos sociais, trabalhistas e previdenciários num estalar de dedos. Tudo isto com o tempero sórdido da criminalização da política, da manipulação da mídia e das redes sociais, estas sustentadas em big datas e robôs.

É fato que o último ciclo eleitoral acirrou ainda mais o debate político brasileiro; mas, infelizmente, um projeto de intolerância, ódio e antipovo – que joga contra o Brasil – saiu vitorioso das urnas. E por que saiu vitorioso?

Pela incapacidade de o campo popular, de esquerda, enfrentar as urnas unificado – ao não construir a tão badalada frente ampla –, por conta do hegemonismo e do sectarismo.

Brizola nos falava do Brasil profundo (*“Eu vim de lá. Eu vim de um lugar chamado ‘Brasil profundo’, onde ninguém registrava os filhos; onde não havia um médico: havia um curandeiro; não havia professores. Não havia nada!”*), em que os brasileiros mais precisam de nós. É por estes que mais vale a pena lutar.

Para eles, mesmo morando em grandes centros urbanos, não há cidadania, direitos – muitas vezes não há Brasil.

É pelo Brasil profundo e por um futuro que não demora que nossos olhos brilham; que nosso corpo arrepia; que nossa voz se agiganta. Que gastamos sola de sapato, produzimos muito suor e muita saliva.

“Um Brasil democrático, justo, fraterno e soberano” é uma bela frase de efeito. Mas é pouco. Nossa luta também tem que ser por paz, dignidade e trabalho; por oportunizar um mundo mais feliz para as pessoas.

Somos nós, jovens e estudantes, as vítimas prioritárias do regime: querem anular a nossa capacidade de pensar e de lutar pelo que pensamos.

É necessário enfrentar cada retrocesso posto pelo governo Bolsonaro; barrar a reforma da previdência e os cortes nas Universidades e Institutos Federais, que são só a ponta da montanha.

Mas esta luta e a conjuntura política nos impõem a urgente necessidade de um projeto de Nação; de um programa genuíno de nacional desenvolvimento, ousado, moderno, comprometido com a nossa gente e o seu futuro.

Um programa que devolva ao Brasil a capacidade de crescer, de se desenvolver, de distribuir renda, de promover cidadania e independência; de educar, formando multidões com consciência crítica, capaz de resistir a manipulação e as *fake news*.

Não aceitamos um estado que perdoa banqueiro, quando o povo agoniza no SPC e os estudantes são estrangulados pelos juros do FIES.

Por tudo isto, precisamos multiplicar infinitamente a nossa capacidade militante, conquistando cada vez mais corações, mentes e territórios. Fazendo da universidade uma mostra do que é o Brasil.

Convidamos você para lutar, resistir e sonhar, por quê: **O FUTURO NÃO DEMORA.**

VENHA REINVENTAR O BRASIL!

BANDEIRAS DE LUTA

- **Defender** a Soberania Nacional: nacionalização da Vale (Brumadinho nunca mais!) e da Embraer; barrar o desmonte da Petrobras; e preservar a Base de Alcântara, no Maranhão.
- **Anular** a venda do Pré-sal para empresas internacionais; e reestabelecer o Fundo Soberano do Pré-sal como financiador de saúde, educação, ciência e tecnologia.
- **Barrar** a Reforma da Previdência, de Bolsonaro e Paulo Guedes.
- **Revogar** a Reforma Trabalhista: garantir direitos trabalhistas; oportunidade para a juventude e salário paritário para mulheres e homens; enfrentar e punir o trabalho escravo.
- **Fazer** a auditoria da dívida pública: redução dos juros para o consumo; revisão da Tabela do Imposto de Renda; taxaço das grandes fortunas, barcos e aeronaves; perdão das dívidas do FIES.
- **Chega** de juros para banqueiro: temos que fazer estancar as *perdas internacionais*.

... E O MUNDO

No campo das Relações Internacionais, o mundo assiste assustado a grandes desafios para a paz e estabilidade internacional; para a soberania dos povos e para a democracia. Dois fatores são os mais preocupantes: a ascensão da extrema-direita com a convivência do grande capital internacional e a aceleração das mudanças climáticas.

Na América Latina, nosso pedaço de chão, o ataque trumpista divide o continente, sabotando a UNASUL e o MERCOSUL.

O retorno de um nacionalismo tóxico, motivado pelo ódio racial, infecta as relações entre os países, reacendendo o imperialismo estadunidense, de um lado; e, de outro, recriando a mentalidade colonial de países como o Brasil.

Aqui, a apequenação da diplomacia brasileira – tendo como pano de fundo o olavismo lunático – faz com que nosso país, antes líder latino-americano na promoção da paz e no combate às mudanças climáticas, se afastar das grandes luta universais, inclusive de organismos da própria ONU.

Isto implica diminuir-nos a um *status* de vassalo dos interesses de Trump, humilhando o povo, prejudicando o comércio exterior e desrespeitando os princípios da Constituição Brasileira.

O que vivemos, hoje, é uma ameaça verdadeira à soberania e ao desenvolvimento do Sul, do qual o Brasil não pode se abster de defender. Desta forma, é necessário o apoio consistente a frentes progressistas de combate ao avanço do fascismo no mundo; e a defesa das instituições internacionais e a defesa da constituição brasileira.

BANDEIRAS DE LUTA

Defesa dos princípios constitucionais das Relações Exteriores, tais como:

- Independência nacional; Direitos Humanos; Autodeterminação dos povos e soberania; Não intervenção; Igualdade dos Estados;
- O Itamaraty é do Brasil: um não rotundo à política externa submissa e antinacional de Bolsonaro e Ernesto Araújo;
- Amazônia e Alcântara são questões de soberania: contra acordos secretos, presença militar e entreguismo da biodiversidade amazônica e da Base Aeroespacial de Alcântara aos Estados Unidos;
- Repúdio ao imperialismo de qualquer natureza;

- Apoio às Organizações das Nações Unidas;
- Apoio a frentes democráticas e progressistas contra o avanço do fascismo na União Europeia: PSOE (Espanha), PS (Portugal), Labour (Reino Unido), SD (Alemanha), SD Sueco (Suécia);
- Pela defesa da democracia na Hungria e na Polônia;
- Apoio às forças populares na América Latina;
- Apoio à UNASUL e ao MERCOSUL;
- Defesa total da democracia e da soberania das Nações Latino-Americanas, contra intervenções externas;
- Buscar alternativa soberana e pacífica para a crise na Venezuela;
- Apoio aos projetos progressistas, como freio ao retrocesso neoliberal na região, em especial ao PRD (México), o MAS (Bolívia), os Justicialistas (Argentina);
- Defesa da Soberania e Autodeterminação do povo cubano; apoio à integração de Cuba na América Latina e a revogação imediata do bloqueio econômico criminoso dos EUA;
- Defesa da Ciência, da Cooperação Internacional, do Combate às Mudanças Climáticas;
- Apoio ao BRICS e ao desenvolvimento do Sul global;
- Buscar diálogo com as forças progressistas nos Estados Unidos pela derrota de Trump.

NEGROS, NEGRAS E COTISTAS: ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?

O Brasil – um país rico culturalmente, com um povo mestiço e miscigenado – tem a marca cruel do colonialismo; da escravidão; da invasão romantizada como descoberta; da exclusão social; e das transições inacabadas.

Esta matriz colonialista – que nossas elites se esmeram para mantê-la viva – alimenta e é alimentada pelo racismo: na naturalização dos pré-conceitos; na desigualdade; no racismo estrutural, institucional; no racismo, simplesmente.

O preconceito no Brasil tem cor, endereço e consequências. Estas estão presentes no nosso cotidiano: maiores taxas de analfabetismo; desemprego; assassinato; maiores índices de desemprego e menores salários; mais casos de violência obstétrica; menor presença na Universidade; menor representatividade.

A luta antirracista da UNE tem que ser fortalecida, expandida; tem que ter centralidade – porque o **futuro não demora**; e tem que ser para todas e todos.

BANDEIRAS DE LUTA

- Defesa da política de cotas nas universidades públicas para: alunos negros, negras e indígenas; estudantes de escolas pública da rede estadual; estudantes de baixa renda.
- Garantia de bolsas auxílio e permanência de alunas e alunos negros, negros e indígenas, nas universidades públicas; e para aqueles que forem bolsistas do PROUNI.
- Efetividade da Lei Caó (7716/89). Racismo é racismo!
- Combate à intolerância religiosa
- Efetividade da Lei 10639/03: Ensino de história e cultura afro-brasileira!
- Políticas públicas que atendam às especificidades da saúde física e mental da população negra – em especial nas Universidades –, com programas específicos para esse fim.
- Ampliação do programa de intercâmbio Abdias Nascimento, permitindo que mais estudantes da graduação possam ter a oportunidade de estudar no exterior.
- Criar e fortalecer canais de denúncias e ouvidorias para casos de racismos nas Universidades.

– Defesa da memória de Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez e Carlos Alberto Caó pela UNE e a Rede CUCA.

REINVENTAR PELO FEMINISMO

Apesar de, por anos a fio, o espaço acadêmico ter sido negado a nós; das jornadas duplas e triplas; do machismo enraizado na sociedade querer nos diminuir – nós, mulheres de todas as cores e de todos os espaços, somos maioria no ensino superior.

Números não representam nossa luta. Porém, são resultados dos nossos esforços, do nosso grito de liberdade, conquistas regadas com muito suor; provam que a mulher brasileira sempre esteve pronta para produzir conhecimento formal e ser protagonista no processo de desenvolvimento da nação.

As conquistas são inúmeras, mas os desafios também crescem.

A opressão – contra à qual lutamos, ontem, para conquistar nosso direito ao voto – é a mesma quando travamos, hoje, a batalha em busca de assistência nas Universidades; contra o machismo institucional, que ainda não se acostumou com nossa presença nos principais polos de produção de conhecimento.

Constatamos, no nosso dia a dia, que o patriarcado ainda tolhe nossas falas e faz com que o cenário de maioria na graduação seja revertido quando se trata da docência no ensino superior.

Acreditamos que as Universidades devem ser espaços democráticos e acessíveis à todas. Mais que ingressar, que ser maioria nas salas de aula, queremos chances iguais no desenvolvimento das nossas profissões.

A gravidez que, hoje, chega de maneira inesperada para muitas adolescentes brasileiras, é a mesma que nos faz abandonar a graduação por falta de assistência; o machismo que culmina no assassinato de inúmeras mulheres, é o mesmo que nos constrange, desrespeita e assedia nas salas de aula.

Entendemos que as estudantes de hoje são as médicas, professoras e advogadas de amanhã. Portanto, para tomarmos as rédeas do País, queremos estudar, nos formar e exercer nossas profissões com igualdade, respeito e justiça.

BANDEIRAS DE LUTA

- Expandir as creches universitárias: que as estudantes mães possam levar seus filhos (as);
- Fortalecer a Lei Maria da Penha, garantindo espaços de acolhimento, independência financeira; enfrentando o feminicídio e preservando a vida da mulher;
- Salários paritários;
- Fortalecer o Encontro de Mulheres da UNE;
- Sem retrocessos: Mais mulheres na política;
- Por uma Universidade livre do patriarcado!
- Banheiros Unissex dentro das universidades, na perspectiva de inclusão das pessoas Trans.
- Pela execução do Plano Nacional de Direitos da Mulher, aprovada na última Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres;

A UNIVERSIDADE DE TODAS AS CORES

A conquista dos direitos das pessoas LGBTQTs, nas universidades no Brasil, é relativamente recente, bem como necessita de avanços. A utilização do nome social pelas pessoas trans, por exemplo, é necessidade real em algumas universidades do país.

A evasão escolar e a impossibilidade de acesso às universidades brasileiras, especialmente por parte das pessoas trans, precisam ser enfrentadas, através de políticas públicas afirmativas; bem como o combate à LGBTQtobia em quaisquer espaços, em especial nas universidades.

Avançar nos direitos civis para além da jurisprudência do STF é urgente.

A criminalização da homofobia, o casamento civil igualitário, direitos trabalhistas, previdenciários e sucessórios precisam ser de todos os brasileiros. E a rede do movimento estudantil precisa ser cada vez mais vanguarda no respeito e acolhimento dos LGBTI+.

BANDEIRAS DE LUTA

- Retomada do Encontro Universitário de Diversidade Sexual (ENUDs).
- Contra trotes LGBTfóbicos.
- Uso do nome social em todas as universidades.
- Criminalização da homofobia por legislação própria.
- Contra a “cura-gay” e qualquer tentativa de trazer a sexualidade para o campo das doenças.
- Pela aprovação do Estatuto da Diversidade Sexual e do Estatuto da Família.
- Fortalecer o Disque 100.
- Contra a decisão genocida do Governo Bolsonaro de encerrar o Programa Brasileiro de DST/Aids.

ACESSIBILIDADE

É necessário que pensemos em uma política de inclusão. Temos o compromisso de uma política de assistência integrada, inclusiva, diversa e de equidade. A Política das Pessoas com Deficiência no Brasil, na atual conjuntura, sofre com o engodo da falsa inclusão, com o enfraquecimento das ações do governo federal e dos Conselhos de Direito.

Enquanto a Organização Mundial da Saúde afirma que cerca de 10% da população mundial possui algum tipo de deficiência; segundo dados do IGBE, no Brasil, este número chega a 45.606.048 milhões de pessoas – o que equivale a 23,9% da população brasileira.

Essa deficiência pode ser visual, auditiva, motora, mental ou intelectual.

Não existe acessibilidade; não existe investimento do atual governo. Mesmo com a luta das pessoas com deficiência. Precisamos trazer este debate para a UNE e para a universidade.

BANDEIRAS DE LUTA

- Promoção das Conferências e defesa do Conselho dos Direitos das Pessoas com Deficiência.
- Execução da Política Nacional das Pessoas com Deficiência.
- Acessibilidade para que as pessoas possam viver com dignidade.
- Universidade acessível e inclusiva.
- Garantir a execução da Lei Brasileira de Inclusão.

- CULTURA: ALMA E ARMA DE UM POVO

Um povo cioso do seu papel é o construtor da emancipação política do seu país. É o povo quem exprime as suas visões e percepções, através de todas as suas manifestações artístico-culturais.

A cultura, através de suas expressões ideológicas, demarca o seu espaço e posição; seja em prol da ordem vigente ou como o propulsor das profundas transformações políticas para alterar o *status quo*.

Entre excluídos, subalternos e os sem voz, a cultura popular brasileira sempre resistiu contra as tentativas de imposição – por uma majoritária parcela da elite “nacional” –, que determinava os valores estrangeiros como a razão de ser, o paradigma e o modelo a ser seguido.

Mesmo que por caminhos ziguezagueantes – até enfrentando a dura coerção do Estado – o povo brasileiro, em suas mais diversas facetas e por períodos históricos distintos, resistiu bravamente. O samba, no Rio de Janeiro, Distrito Federal na época, é exemplo disto, quando desfila no Sambódromo.

O povo unido e conhecedor do seu papel como ator político pode alterar as estruturas socioeconômicas, políticas e culturais.

A UNE sabe disto. Sempre soube, através de os antigos Centros Populares de Cultura e Arte (CPC-UNE), do CUCA da UNE, da parceria com o Teatro Experimental do Negro, da UNE Volante e da Bienal de Arte e Cultura da UNE – todos, exemplos de ferramentas de luta social pela cultura e pela arte.

Precisamos redescobrir com urgência as nossas raízes e a riqueza cultural invejável da nossa brava gente.

BANDEIRAS DE LUTA

- Fortalecimento do CUCA da UNE.
- Volta do Ministério da Cultura.
- 2% do PIB pra Cultura.
- Promoção da cultura universitária.
- Defesa da ANCINE plural e democrática.
- Investimento e incentivo a TVs, rádios e portais de internet comunitários.
- CUMPRA-SE: exigir conteúdo regional nos canais de TV por assinatura.
- Implantação da Política Nacional de Inclusão Digital.
- Garantir a Carteirinha da UNE como canal de acesso à Meia Entrada Cultural.
- Fomentar a apoiar as Sociedades de Debate e de Simulação.
- A brasilidade é um patrimônio: Em defesa da língua portuguesa. Viva Ariano Suassuna!

- LABORATÓRIO DE OPORTUNIDADES: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

A ciência, a tecnologia e a inovação são imprescindíveis para a consolidação da soberania nacional brasileira. É impossível pensar a superação do subdesenvolvimento sem a quebra da dependência tecnológica.

É necessário, portanto, um estado forte, não inchado, que induza a inovação e o progresso científico visando ao fim da modernização reflexa, como a pensada por Darcy Ribeiro.

É por isto que se exige o esforço de nossas instituições de ensino superior, colocando o conhecimento adquirido e as tecnologias desenvolvidas a serviço da nação – formando pessoas capacitadas para a reconstrução da realidade brasileira e atualizando-se constantemente para atender às exigências dos novos tempos.

Como ensinou Álvaro Vieira Pinto, “*Sem ideologia do desenvolvimento não há desenvolvimento nacional*”.

Bandeiras de luta (ícone de um tubo de ensaio)

- Criação de Sistemas Nacionais de Inovação que visem se nivelar a países desenvolvidos, em áreas que se estruturam como o próximo paradigma econômico.
- Política de campeãs nacionais, de capital brasileiro, que visem quebrar o hiato tecnológico entre o centro e periferia.
- Continuidade de medidas que visem buscar uma ciência feita para as especificidades do país e sua aceleração evolutiva, como as de exploração do pré-sal.
- Defesa de políticas de ensino técnico-profissional público, em níveis estaduais e federais; e também de um Sistema S a serviço do Brasil.
- Criação de escolas profissionalizantes de tempo integral.
- Fortalecimento do CNPQ e suas instituições de pesquisa.

- Políticas públicas que direcionem os esforços das universidades para os problemas do país, assim como proposto na universidade necessária de Darcy Ribeiro.
- Impedir o acordo sobre a base de Alcântara.
- Retomada do debate sobre o modelo energético brasileiro, assim como pensado por Bautista Vidal, criador do Pró-Álcool.
- Inspirar-se no modelo chinês de empresas emergentes, com crescimento rápido e alta difusão tecnológica.
- Reorganização do Projeto Espacial brasileiro como ferramenta estratégica de Soberania nacional.
- Políticas públicas e ações estratégicas que garantam uma internet de qualidade e com preço justo; uma Lei de Meios que acabe com os oligopólios da grande mídia; defesa das rádios comunitárias e da mídia independente.
- Reativação do Programa Ciências sem Fronteiras

A UNIVERSIDADE NECESSÁRIA: QUEREM CORTAR O FUTURO DA NAÇÃO

Aumentar os investimentos na educação brasileira deveria ser consenso; entretanto, é a bifurcação entre quem defende um país justo e soberano e quem defende um país das elites e submisso ao capital externo.

Os cortes na educação, nesta década, começaram ainda em 2015; e foram se aprofundando na PEC do teto de gastos, chegando ao corte criminoso de 30% do orçamento real das universidades e institutos federais.

A narrativa que tentam emplacar é que, como vivemos uma crise econômica, há cortes a serem feitos.

Este discurso é bonito para as classes dominantes, que preferem um povo inculto, que não tenha argumento teórico e político para defender um nacionalismo necessário.

E palatável para uma parcela da população que, pela falta de oportunidade de acesso a uma educação de qualidade, não compreende a necessidade de formação de profissionais aptos a desenvolverem pesquisas, cada vez mais importantes neste mundo informatizado.

Por isto, educação não é gasto nem custo para sofrer cortes: é o mais importante investimento de uma nação. A postura deste governo só comprova o que há anos Darcy Ribeiro já alertava: “A crise na educação brasileira não é crise, é um projeto”.

Há um claro projeto de sucateamento das instituições de ensino público no nosso país. O mercado financeiro reage bem aos cortes, pois sabe que o segundo passo do sucateamento é o entreguismo, bem como vimos com a Vale do Rio Doce.

Este sucateamento está colocando em cheque a produção científica brasileira nos seus mais variados segmentos. Dos bancos das universidades brasileiras temos avanços científicos, tecnológicos; que se somam a estudos vitais sobre cultura, ciências humanas e licenciatura – o resultado desta equação não dá o caminho para soberania tecnológica e cultural.

A quem serve ir contra a nossa soberania?

Além da problemática do investimento em produção acadêmica, temos outros desafios: a assistência estudantil, que com o corte de bolsas dificulta ainda mais a permanência do estudante; o alto endividamento dos estudantes com o FIES (porque o governo negocia e perdoa dívida dos grandes empresários e não faz o mesmo com os estudantes?).

Além de – pela perspectiva de que educação é mercadoria para as instituições privadas de ensino – existe, hoje, excesso de taxas. Em suma: falta de incentivo à produção acadêmica, à cultura universitária.

Para construirmos um projeto que desenvolva a nação, a educação não pode ser vista como mercadoria, mas sim como direito inalienável do povo!

Há que se debater, ainda, que ensino está conectado a pesquisa, a extensão. A universidade não pode ser uma ilha. Ela está posta no contexto do seu entorno, do território, da cultura, do perfil socioeconômico e tantos outros fatores mais. Para além do acesso e a política de cotas, é com pesquisa e extensão que a Universidade se pinta mais ainda de povo.

Nas universidades privadas, o drama é ainda maior.

Reúne uma juventude majoritariamente periférica, que se equilibra na corda bamba do subemprego e da informalidade; que sofre as consequências da má educação básica, e, por isto, não consegue acessar a Universidade pública: acaba refém das instituições de ensino privado.

Instituições que se comportam como corporações financeiras e não como entidades educacionais; ou como supermercado de ensino (ou shopping, para os mais sofisticados). Como se falava nos tempos dos nossos pais, dou um doce quem encontrar um centro de pesquisa em universidades privadas.

Elas – que foram abertas, aos montes, desde a Era FHC – são as grandes beneficiadas com o desmonte da educação superior pública promovida pelo governo Bolsonaro.

Universidade não é para barão.

Se a universidade privada ainda é uma necessidade para suprir o acesso ao ensino superior, neste Brasil continental, cada instituição deveria ser uma concessão do Estado, em moldes equivalentes às emissoras de rádio e televisão.

Como não se chegou ainda neste estágio, é fundamental que obedeça, rigidamente, a dois critérios: que seja com fiscalização, garantindo a qualidade do ensino e barrando os abusos financeiros; sem capital estrangeiro e cartilha internacional.

ProUni e FIES não podem servir como ferramenta de lucro e arrocho dos estudantes com juros exorbitantes.

É urgente a tarefa de reinventar o ensino superior privado.

BANDEIRAS DE LUTA

- Manutenção da gratuidade nas universidades e institutos de ensino federais.
- Contra os cortes de verba nas universidades e institutos federais.
- ENEM sem censura: defesa do ENEM livre de interferências do Governo.
- Fora **Weintraub: O MEC não é balcão.**
- **Contra a Escola Sem Partido: universidade é lugar de liberdade e crítica.**
- Manutenção das atuais políticas de cotas e do acesso, via ENEM e SISU.
- Aprimoramento do ProUni e FIES.
- Anistia da dívida do FIES para os estudantes.
- Defesa do Plano Nacional de Assistência Estudantil e do Plano Nacional de Educação.
- Facilitação dos mecanismos para estabelecimento de convênios entre universidades, institutos de pesquisa e empresas públicas e privadas.
- Menos juros para banqueiro; mais dinheiro para Educação
- Estímulo à associação entre universidades, institutos de pesquisa e empresas públicas e privadas para projetos de desenvolvimento e aplicação de tecnologias.
- Recuperação da política de bolsas de estudo para a graduação e pós-graduação.
- Contra o corte de verbas para pesquisa científica: em defesa do CNPQ/Capes.
- Revogação da PEC do Teto dos Gastos

Educação não é mercadoria · Fiscalização da qualidade do ensino superior privado! – Contra taxas abusivas!
– Contra o excesso e a obrigatoriedade de disciplinas EaD na graduação presencial! – Contra a obrigatoriedade do TCC em grupo! – Garantia de espaços de participação discente nos rumos da Universidade privada!

SOBERANIA E SUSTENTABILIDADE

LEVAR A UNE AOS JOVENS DO CAMPO, DA FLORESTA E DAS ÁGUAS

A Amazônia contempla uma complexa sociobiodiversidade, que reflete a diversidade de ecossistemas naturais e a multiplicidade de povos, culturas e tradições que nela habitam. A identidade destes grupos sociais é afirmada pela forma como reproduzem historicamente seu modo de vida, de produzir e existir sociocultural e ambientalmente. É no mosaico de paisagens contrastantes em seus múltiplos aspectos - ambiental, econômico, social, cultural – que as juventudes amazônicas tecem seu cotidiano, sua identidade e seus projetos de vida. E é do Brasil profundo, sobretudo da Amazônia brasileira, que se extrai o místico e único "**Ser Social Brasileiro**".

Compreender a juventude exige reconhecê-la como uma construção histórica e cultural, inscrita numa cartografia social ampla. O cotidiano dos jovens da Amazônia rural tem no trabalho, na família, na educação e no lazer suas principais manifestações. A dinâmica do trabalho na região é marcada pela dependência da terra, das águas e das florestas.

O jovem do campo tem como grande desafio procurar resignificar sua identidade no território que habita, considerando que terá o contato com diversos elementos materiais e símbolos da vida urbana, reinventando o seu modo de ser e viver no território.

Não há paz, dignidade nem trabalho. O que faz morada ali é a fome, a precarização e exploração do trabalho. A educação básica, a saúde e segurança são um verdadeiro caos.

É nesta terra fértil e sofrida que está a juventude do campo, da floresta e das águas. Herdeiros de uma ancestralidade milenar: é para essa e as futuras gerações que precisamos provar que o **futuro não demora**. A Amazônia também é elemento central na soberania brasileira.

Na cesta de retrocessos e absurdos do governo Bolsonaro, estão as declarações públicas de colocar a Amazônia à serviço dos Estados Unidos; de rever demarcações de terras indígenas, violando os direitos dos nossos povos tradicionais; além de trazer tropas estrangeiras para exercícios militares.

BANDEIRAS DE LUTA

- Amazônia Legal como região fundamental para a Soberania Nacional. Não à Intervenção americana!
- Em defesa da Amazônia Legal como fonte de riqueza e produção científica de caráter 100% nacional.
- Em defesa do povo das florestas: contra a revisão das demarcações de terras indígenas.
- Avançar na regularização fundiária de territórios de comunidades tradicionais, quilombos, quilombolas e terras indígenas.
- Ampliar os investimentos nas Universidades Públicas da Amazônia, garantindo investimento em pesquisa, extensão e permanência estudantil aos estudantes da floresta, do campo e das águas.
- Promover na Universidade a cultura indígena, quilombolas e ribeirinha.

REINVENTAR A UNE : TRAZÊ-LA PRO SÉCULO XXI

Contar a história do Brasil sem falar da UNE e dos estudantes é impossível. Parece clichê, mas não podemos abrir mão de cantar nossas vitórias. Encher o peito de orgulho e pegar gás para enfrentar o Brasil que tá posto, sem perder do horizonte, que o futuro não demora. Por isso que precisamos construir um novo momento pra UNE e pro rede do movimento estudantil.

No cenário de cortes e de ataque a educação a UNE tem papel fundamental de catalisar toda a indignação e ser protagonista na oposição ao governo federal. Para que o movimento estudantil consiga tomar a dianteira na luta e mobilizar de forma ampla e plural os estudantes do Brasil como foi feito no 15M e no 30M. Pra ir além, é necessário que se haja uma renovação nas estratégias do movimento estudantil.

É urgente a necessidade de encontrar e oportunizar novos formatos de participação, novos espaços e fóruns, novas ferramentas. Na crise de representatividade é necessário construir um movimento estudantil com a cara e o jeito da juventude brasileira.

É necessário e importante que façamos a construção da União Nacional dos Estudantes sem hegemonismo e livre de sectarismos, é necessário reinventar a forma de se fazer movimento estudantil para construir o Brasil que queremos.

- Reafirmar o protagonismo da base do movimento estudantil: Todo poder aos Centros Acadêmicos
- Potencializar novas formas de organização, protagonismo e vivências: Atléticas, Sociedades de Debate, Empresas Jr e Modelos de Simulações
- Fortalecer a Bienal da UNE, o Conselho Nacional de Entidades de Base, o Conselho Nacional de Entidades Gerais, os Encontros Setoriais e o CUCA da UNE
- Democratizar a Comunicação da UNE
- Oportunizar mais participação e protagonismo para a Direção Plena da UNE
- Buscar novas formas de financiamento para fortalecer a UNE
- Integrar as Executivas e federações de curso ao cotidiano da UNE

Revisão do Texto: Apio Gomes

Assinam essa tese:

AC 1.Nivia Cristina dos Santos – Uninorte (AC) **AL** 2.Ariel Felix da Silva CAAP Universidade Federal de Alagoas – UFAL 3.Erica Larissa Pereira Nunes Universidade Federal de Alagoas - UFAL4.Romildo Dias Universidade Federal de Alagoas - UFAL5.Natália Soares dos Santos Serafim Universidade Federal de Alagoas - UFAL6.Aline Vieira da Silva Universidade Federal de Alagoas - UFAL7.Ivan Lisboa Araujo - Instituto Federal de Alagoas - IFAL8.Ana Rodrigues da Silva - Instituto Federal de Alagoas - IFAL9.Alesiane Oliveira Lima UNIT10.Luan Marcel Goncalves Melo UNIT11.Thayenne Kessya dos Santos Silva UNIT12. Dário Magalhães da Silva Júnior CESMAC 13.Tarsiane Dias CESMAC14.José Marcelo de Lima Soares Filho SEUNE15. Nicolle Lima de Almeida Silva SEUNE**AM**16.Gabriel Cabral Mutz - Universidade do Estado do Amazonas - UEA17.Amanda Xavier dos santos - FAMETRO18.Estevam Lima Vieira – Universidade Federal do Amazonas - UFAM**AP**19.PAULO MAICON NUNES CUNHA - FACULDADE META20.ESTEFHANY KAROLINE SANTOS DE OLIVEIRA – Universidade Federal do Amapa - UNIFAP**BA**21. Albert Araújo Souza Ferreira – Universidade Salvador - UNIFACS22. Jeferson Santos de Almeida – Universidade do Estado da Bahia - UNEB**CE**23. João Victor Escórcio – Universidade Federal do Ceara - UFC24 Isaque Moreira – UFC25 Pedro Paulo – UFC26 Átila Rocha – UFC27 Maria Luiza – UFC28 Thiago Matos – UFC29 Arthur Freitas – UFC30 Matheus Pereira – Estacio31 Wendel Saraiva - Estacio32 Bruno Silva- Uni733 Sara Araujo – Uni7 34 Pedro Escórcio – UFC35 Pedro Igor – UFC36 Jonas Peixoto – FAZ 37 Dougllas Santana – FAS38 Évilla Pacheco – Unifor39 Pedro Ângelo - Unifor40 Bianca Anselmo - Unifor41 Antônio Júnior – Unifor42 Elvys Gomes – Unifor43 Helena Débora – Unifor44 Victoria Fiuza – Unifor45 Augusto Amorim - Unifor46 Filipe Almeida - Unifor47Beatriz Chame - Unifor48Lucas Viana - Unifor49 Gleiciane da Silva - Unichristus50 David Jeymeson - Unichristus51 Caroline Vitoriano - Unichristus52 Gabriela Sotero - Unichristus53 Wendel de Oliveira - Unichristus54 Helena França - Unichristus55 Luann Pimenta - Unichristus56 Giuliana Lima - Unichristus57 Bianka Pimenta - Unichristus 58 João Paulo – Unichristus59 Geovanna Silva – Fanor60 Heysa Silva - Fatene**DF**61 João Cyrilo – Universidade de Brasília – UnB – Gabriela Malesuik **ES**62 Luis Medeiros – Universidade Federal do Espirito Santo – UFES**GO**63 Naiara Rodrigues Barbosa UEG64 Caio Camilo de Sousa e Silva IFG**MA**65.Raimundo

Marcos Farias Leite - Ceuma **MT**66. Auro Elias Fernandes da Silva – Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT **MS**67. Marcelo Henrique Mazetto Adão – UNIDERP68. Isadora Beck de Oliveira - Estácio de Sá MS **MG**69. Rafaela Garcia – Universidade Federal de Uberlândia – UFU70. Paulo Felletti Júnior – Universidade Federal de Lavras - UFLA71. Fabiano Tamielt de Almeida – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG **PA**72 Everson Pureza Cardoso- UFPA **PR**73. Deborah Branco Godinho Castro - Unibrasil74. Isabele da Veiga Moro - Unicesumar Mg75. Thaís Maria Fagundes - Uninter Curitiba76. Giorgio Beltrami Gonzalez – Universidade Federal do Paraná - UFPR77. Maria Eduarda Antunes - Universidade Positivo78. Lucas Miranda Costa Pinto - Universidade Federal do Paraná - UFPR79. Diogo Tavares - Universidade Federal do Paraná - UFPR80. João Francisco Pereira Marum - UFF81. Fernanda Marques Biato - Uninter82. Luan Henrique Azevedo da Silva- UTP83. Mychel Crhistian dos Santos Lima – UFPR **PE**84 Vivian S. Barbosa da Silva - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE85 João Vitor Delatorre - SOPECE **PI**86 Israel Carvalho Alves Vieira - Universidade Estadual do Piauí - UEP **RJ**87 Matheus Novais da Silva - Unirio88 Thayane Milhomem da Costa Neves - UVA89 Tayana Gomes Lucena – Unicarioca90 Marx Loureiro Dias - UFF91 Caio Malta da Silva - UFF92 Vítor Straub de Moraes - UFRJ93 Gabriel Rocha Gracindo Marques - UFRRJ94 Juliana Santos da Silva - Estácio95 Vitor Hugo Sales Caverzan - UFRRJ96 Renan Uccelli Guedes Ferreira - Estácio97 Gabriel Bruno de Almeida - UFRRJ98 Cássio Teixeira - Estácio99 Gustavo Henrique Dias Melo - Estácio100 Lucas Abdala - FACHA101 Joao Pedro Martins Maciel FACHA102 Caroline Keiko Murakami - PUC103 André Luis Rodrigues Vasconcellos - UFRRJ104 Luana Santos Vieira - UFF105 Douglas Barbosa Lima - UFRRJ106 Marcos André da Silva Xavier - UFRRJ107 Paulo Araújo Vasconcelos- UFF108 Rômulo Diogo Lopes - UFF109 Luís Moreira - Unigranrio110 Leonardo Rocha Lupi - UFRJ111 Guilherme Muniz de Oliveira - UFRRJ112 Gabriel Rocha Gracindo Marques - UFRRJ113 João Victor de Sousa Moraes - PUC-RJ114 Ricardo Lourenço Heredia de Paiva - UFRJ115 Gabriel Leão do Nascimento - UERJ116 Arthur Rodrigues da Silva - UERJ117 Arthur de Faria Moura - UCP118 Bernardo Padilha Silva - UFRJ119 Luany Beatriz André de Oliveira - UFRJ120 Carolina Assenheimer Ferreira - UFRJ121 Sérgio Ricardo de Freitas Júnior - UFRJ122 Gabriel Martino de Farias- UNESA123 Victor Hugo Trindade da Silva - UFRJ124 Luiz Gabriel Pereira Aguiar - UCAM125 Marcos Felipe Barbosa da Silva - UFRRJ126 Douglas Augusto Silva - UFF127 Luiz Carlos Guimarães Serafim-UFF/Adm. Publica128 Pedro Araujo Belfort Bastos- PUC-Rio129 Olga Christina de Oliveira Zunino - UFRJ130 Guilherme Sanches - Mackenzie Rio131 Everton Gomes - CEDERJ132 Gabriel Pablo - UERJ **RN**133. Raphael Targino Dias Gois - UNPR **RS**134. Douglas Rafael Antunes – Universidade Federal de Pelotas - UFPel **SC**135. Arthur José Gil Dejean - UFSC136 Luana Morales Victorero - UDESC **SP**137. Gabriel Cassiano – PUC SP138. Pedro Teixeira - USP139 Igor Wefer – USP **SE**140 Ícaro Silva Melo - Universidade Federal de Sergipe - UFS141 Max Allan Lima Oliveira do Nascimento - Faculdade Pio Décimo **TO**142 Vitor Castro - Universidade Federal do Tocantins - UFT | Rafaela Garcia – Diretora da UNE | João Victor Escórcio – Coordenador Nacional do Reinventar | William Rodrigues – Presidente Nacional da Juventude Socialista